

SEÇÃO ARTIGOS

EXPLORANDO MEMÓRIAS DE LUGAR E LUGARES DE MEMÓRIA ATRAVÉS DE HISTÓRIAS DE VIDA DE IDOSOS RESIDENTES NA SERRA DE PIABAS, SITUADA NO PARQUE ESTADUAL DA PEDRA BRANCA, CIDADE DO RIO DE JANEIRO-RJ

EXPLORING MEMORIES OF PLACE AND PLACES OF MEMORY THROUGH LIFE STORIES OF ELDERLY RESIDENTS AT SERRA DE PIABAS, PEDRA BRANCA STATE PARK, IN THE CITY OF RIO DE JANEIRO-RJ

EXPLORANDO MEMORIAS DE LUGAR Y LUGARES DE MEMORIA A TRAVÉS DE HISTORIAS DE VIDA DE ANCIANOS RESIDENTES EN LA SERRA DE PIABAS, UBICADA EN EL PARQUE ESTADAL DE PEDRA BRANCA, CIUDAD DE RIO DE JANEIRO-RJ

 [Jean Lucas da Silva Brum](#)¹

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ),
Rio de Janeiro, Brasil
E-mail: jeanbrum@id.uff.br

Resumo

Este breve ensaio tem como objetivo discutir os diferentes modos a partir dos quais memória e lugar podem se articular em meio à experiência de mundo através da análise e interpretação de histórias de vida de idosos residentes na Serra de Piabas, situada no Parque Estadual da Pedra Branca, na cidade do Rio de Janeiro – RJ. Este estudo examina como estes sujeitos narram as suas experiências/vivências, através da representação de seu passado pela memória, bem como a articulação destas memórias na construção de sentidos de lugar e o papel do lugar na evocação destas memórias. O fio condutor deste trabalho aponta na direção da construção de um profundo sentimento de pertencimento e apego ao lugar, ancorado na experiência narrativa das memórias como estratégia de permanência destes sujeitos no contexto de mediação e negociação de sua presença em uma Unidade de Conservação de Proteção Integral.

Palavras-chave

Parque Estadual da Pedra Branca; Memória; Histórias de Vida; Lugar.

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, campus Maracanã.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

BRUM, Jean Lucas da Silva. Explorando memórias de lugar e lugares de memória através de histórias de vida de idosos residentes na Serra de Piabas, situada no Parque Estadual da Pedra Branca, Cidade do Rio de Janeiro -RJ. **Revista Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 75-97, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 13/10/2021. Aceito em: 02/03/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

Abstract

This brief essay aims to discuss the different ways in which memory and place can be articulated through the experiencing of the world through the analysis and interpretation of life stories of the elders living in Serra de Piabas, at the State Park of Pedra Branca, Rio de Janeiro - RJ. This study examines how these subjects narrate their living experiences through the representation of their past by memory, as well as the articulation of these memories in the construction of senses of place and the role of place in the evocation of these memories. The guiding thread of this work points to the construction of a deep sense of belonging and attachment to place, anchored in the narrative of memories as a strategy of permanence for these subjects in the context of mediation and negotiation of their presence in a full protection conservation unit.

Keywords

Pedra Branca State Park; Memory; Life Stories; Place.

Resumen

Este breve ensayo tiene como objetivo discutir las diferentes formas en que la memoria y el lugar pueden ser articulados en medio de la experiencia del mundo a través del análisis e interpretación de historias de vida de personas mayores que viven en la Serra de Piabas, ubicada en el Parque Estatal de Pedra Branca, en la ciudad de Río de Janeiro – RJ. Este estudio examina cómo estos sujetos narran sus experiencias, a través de la representación de su pasado a través de la memoria, así como la articulación de estos recuerdos en la construcción de sentidos de lugar y el papel del lugar en la evocación de estos recuerdos. El hilo conductor de este trabajo apunta hacia la construcción de un profundo sentimiento de pertenencia y apego al lugar, anclado en la experiencia narrativa de las memorias como estrategia de permanencia de estos sujetos en el contexto de mediación y negociación de su presencia en una Unidad de Conservación de Protección Integral.

Palabras clave

Parque Estatal de Pedra Branca; Memoria; Historias de Vida; Lugar.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

BRUM, Jean Lucas da Silva. Explorando memórias de lugar e lugares de memória através de histórias de vida de idosos residentes na Serra de Piabas, situada no Parque Estadual da Pedra Branca, Cidade do Rio de Janeiro -RJ. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 75-97, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 13/10/2021. Aceito em: 02/03/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

Introdução

“O passado está em todo lugar” (LOWENTHAL, 1985b, p. XV). É com esta célebre frase que o geógrafo David Lowenthal inicia sua obra “*The Past is a Foreign Country*”, um clássico nos estudos acerca das múltiplas expressões e manifestações do passado no âmbito da Geografia. O passado nos circunda e confere sentido ao mundo ao nosso redor, de modo que a sua constatação se torna essencial para nosso bem-estar, bem como na compreensão de nossa existência. “O passado nos cerca e nos preenche; cada cenário, cada declaração, cada ação conserva um conteúdo residual de tempos pretéritos” (LOWENTHAL, 1998, p. 64).

Seja querido ou rejeitado, celebrado ou apagado, rememorado ou esquecido, o passado está sempre conosco, atuando como base de nossas experiências e compreensões presentes. “Toda consciência atual se funda em percepções do passado; reconhecemos uma pessoa, uma árvore, um café da manhã, uma tarefa, porque já os vimos ou já experimentamos” (LOWENTHAL, 1998, p.64). O passado é parte indissociável de nossa existência e da compreensão de nossas identidades subjetivas e/ou coletivas. O passado está em todo o lugar, como Lowenthal (1985b) sugere, pois se manifesta e expressa em e por meio de lugares particulares, compondo a nossa geofricidade, em outros termos, o constante existir em um envolvimento profundo e inextricável com a Terra como nosso lar e morada (DARDEL, 2011).

Ainda que se manifeste nos lugares e relações tecidas em nosso constante presente, o passado se expressa como residual e fugidio; dele captamos acontecimentos fragmentados, muitas vezes seletivos, efêmeros e/ou marcados por um caráter nostálgico, de modo que dificilmente o compreenderemos tão bem quanto o nosso presente (CORRÊA, 2018).

Embora não consigamos apreender o passado em sua totalidade, como aquilo que de fato foi, existem pontes ou elos que nos remetem a ele; resíduos criados em tempos pretéritos (LOWENTHAL, 1985b). Se o passado é um país estrangeiro, como supõe o título da obra de Lowenthal (1985b), existem maneiras de se conseguir um visto para nele adentrarmos, ou, ao menos, tentarmos adentrar.

Dentre as muitas formas de acesso ao passado, a memória se inscreve como uma evocação presente de lembranças e esquecimentos de vivências pretéritas, servindo como base

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

BRUM, Jean Lucas da Silva. Explorando memórias de lugar e lugares de memória através de histórias de vida de idosos residentes na Serra de Piabas, situada no Parque Estadual da Pedra Branca, Cidade do Rio de Janeiro -RJ. *Revista Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 75-97, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 13/10/2021. Aceito em: 02/03/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia Essays of Geography | POSGEO-UFF

nas investigações sobre esta dimensão de nossa existência. A memória, em linhas gerais, trata-se do passado vivido, reelaborado e representado na instância de um sujeito ou grupo (LE GOFF, 2003). Embora possa ser tratada como um fenômeno social bastante abstrato e subjetivo, a memória pode se encontrar ancorada em lugares (SEEMANN, 2003). Assim, “lugares concretos, onde se realizam eventos, acontecimentos históricos ou práticas cotidianas [...] podem servir como possíveis referenciais espaciais para a memória” (SEEMANN, 2003, p. 44).

Tal qual a memória pode ser entendida como o passado vivido, o lugar também pode ser compreendido como o espaço apreendido em e por meio de nossas experiências intersubjetivas (MARANDOLA JR., 2012; TUAN, 2013). Lugar, na perspectiva da Geografia Cultural-Humanista, não se refere apenas a uma mera localização, mas a uma parcela do espaço dotada de valor para as pessoas que desenvolvem com e por este um elo de pertencimento (RELPH, 1976; TUAN, 2011; 2013). Lugar e memória guardam uma estreita relação entre si, e é exatamente esta relação que o presente artigo procura discutir.

O objetivo deste trabalho é investigar as relações entre lugar e memória a partir de um viés cultural-humanista em Geografia, estabelecendo como campo de estudos o registro e interpretação de histórias de vida de idosos residentes em uma Unidade de Conservação de Proteção Integral situada na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, o Parque Estadual da Pedra Branca (PEPB). Procuramos examinar neste trabalho como, através da narrativa das histórias de vida dos idosos, construídas por meio da evocação de suas memórias, é possível descortinar múltiplas experiências e sentidos de lugar que emergem como facetas do passado re-vivido e re-elaborado. Pretendemos, de tal forma, apontar em direção ao caráter espacial das memórias como inscrito a partir da construção e manifestação de sentidos de lugar dos idosos residentes no PEPB.

Para tanto, no primeiro e segundo tópicos deste artigo buscamos discutir a compreensão dos conceitos de memória e lugar no âmbito da Geografia Cultural-Humanista, enquadrando-os como elementos indissociáveis de nossa experiência de mundo e geograficidade. Reservamos um terceiro tópico para a exploração da reconstrução das histórias de vida de idosos residentes no PEPB, e o papel destas em um estudo de caráter geográfico. No

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

BRUM, Jean Lucas da Silva. Explorando memórias de lugar e lugares de memória através de histórias de vida de idosos residentes na Serra de Piabas, situada no Parque Estadual da Pedra Branca, Cidade do Rio de Janeiro -RJ. *Revista Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 75-97, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 13/10/2021. Aceito em: 02/03/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia **Essays of Geography | POSGEO-UFF**

quarto tópico deste artigo, propomos um debate a respeito do modo como as relações entre lugar e memória são tecidas no contexto das experiências dos idosos residentes do PEPB, apontando para a mobilização de memórias de/do lugar como estratégia de permanência destes sujeitos no contexto das mediações afetivas-políticas acerca de seus elos de pertencimento a uma Unidade de Conservação de Proteção Integral.

Lugar e memória na perspectiva da experiência

Vivemos em um mundo marcado pela presença de lugares significativos (RELPH, 1976). A forma como edificamos nossas identidades, como nos relacionamos com as pessoas ao nosso redor, bem como compreendemos a nossa própria existência permanece implicada com o entendimento dos lugares que habitamos, percorremos, imaginamos, sonhamos ou desejamos conhecer (TUAN, 2013). A palavra lugar, embora tratada a partir do senso comum enquanto sinônimo de local ou localização, trata-se de um dos conceitos centrais da abordagem geográfica, tendo sido objeto de debate por meio de diferentes perspectivas no âmbito deste campo do saber (CRESSWELL, 2004).

Dentre as numerosas definições propostas para o termo, lugar pode ser compreendido como um centro de significados construído em e por meio da experiência intersubjetiva de mundo (RELPH, 1976; TUAN, 2011, 2013, 2018). Tal definição, atribuída pela perspectiva cultural-humanista em Geografia, alça o lugar como mais que simplesmente sinônimo de local, um ponto abstrato identificável em um mapa. Enquanto um centro de significados, o lugar é “conhecido não apenas através dos olhos da mente, mas também através dos modos de experiência mais passivos e diretos, os quais resistem a objetificação” (TUAN, 2018, p. 5-6). Nesta visão, o lugar manifesta-se como uma parcela do espaço geográfico que tenha significado para uma pessoa ou grupo. De acordo com Tuan (2011, 2013), é a partir da experiência que vertemos o espaço indiferenciado em lugar significado. A experiência é a base da construção de sentidos de lugar (OLIVEIRA, 2012; TUAN, 2013). De acordo com Tuan,

A experiência implica a capacidade de aprender a partir da própria vivência. Experienciar é aprender; significa atuar sobre o dado e criar a partir dele. O dado não pode ser conhecido em sua essência. O que pode ser conhecido é uma realidade que é

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

BRUM, Jean Lucas da Silva. Explorando memórias de lugar e lugares de memória através de histórias de vida de idosos residentes na Serra de Piabas, situada no Parque Estadual da Pedra Branca, Cidade do Rio de Janeiro -RJ. *Revista Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 75-97, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 13/10/2021. Aceito em: 02/03/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

um constructo da experiência, uma criação de sentimento e pensamento (TUAN, 2013, p. 18).

De acordo com o geógrafo Edward Relph (1976), por encarnarem os sentimentos, as vivências, as aspirações e experiências humanas mais profundas, os lugares aos quais nos sentimos pertencer se apresentam enquanto elementos indispensáveis em nossa apreensão de mundo e na construção de nossa identidade. Nas palavras do autor, “ser humano é viver em um mundo cercado de lugares significativos: ser humano é ter e conhecer seu lugar” (RELPH, 1976, p. 1).

Nesta perspectiva, o lugar é entendido a partir de um envolvimento profundo com a existência humana, posto que existir significa ter um lugar, uma base a partir da qual se funda um sentido de “si-mesmo” e o próprio lugar passa a ser definido em relação aos sujeitos que se sentem pertencer a ele (CASEY, 2001). Segundo Relph:

Os lugares são expressões fundamentais do envolvimento humano no mundo, e, portanto, confere significado ao espaço [...] Lugares são, de fato, o alicerce da existência humana, providenciando não apenas o contexto de todas as atividades humanas, mas também segurança e identidade para o indivíduo ou grupo (RELPH, 1973, p. 62 apud ENTRIKIN, 1976, p. 626).

De acordo com Relph (1979), conhecemos e habitamos o mundo, mesmo de um modo pré-consciente, “através dos lugares nos quais vivemos ou temos vivido, lugares que clamam nossas afeições e obrigações” (RELPH, 1979, p. 16). Neste contexto, os “lugares são existenciais e uma fonte de auto-conhecimento e de responsabilidade social” (RELPH, 1979, p. 16).

Adotar tal perspectiva nos permite argumentar que o lugar se manifesta e se expressa como dimensão existencial de nosso ser-estar no mundo, envolvendo, de tal forma, aquilo que o geógrafo Eric Dardel (2011) propôs enquanto “geograficidade”, qual seja, uma relação concreta que liga o homem à Terra como modo próprio de sua existência. Neste sentido, é no lugar que o homem encontraria o ponto central de referência existencial a partir do qual descortinaria o mundo ao redor. É no lugar e por meio deste que a “geograficidade” é vivida em sua plenitude, incorporando um elo visceral entre o homem e a Terra. O lugar seria, na compreensão de Dardel (2011), um suporte para o nosso ser, refúgio ou base onde se assenta

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

BRUM, Jean Lucas da Silva. Explorando memórias de lugar e lugares de memória através de histórias de vida de idosos residentes na Serra de Piabas, situada no Parque Estadual da Pedra Branca, Cidade do Rio de Janeiro -RJ. *Revista Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 75-97, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 13/10/2021. Aceito em: 02/03/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia Essays of Geography | POSGEO-UFF

nossa existência, de forma que a realidade geográfica seria para o ser humano os lugares que participam de sua vida. Nas palavras de Dardel:

É desse “lugar”, base de nossa existência, que, despertando, tomamos consciência do mundo e saímos ao seu encontro, audaciosos ou circunspectos, para trabalhá-lo [...] Existir é para nós partir de lá, do que é mais profundo em nossa consciência, do que é “fundamental”, para destacar no mundo circundante “objetos” aos quais se reportarão nossos cuidados e nossos projetos. Elemento não abstrato ou conceitual, mas concreto. Antes de toda escolha, existe esse “lugar” que não pudemos escolher, onde ocorre a “fundação” de nossa existência terrestre e de nossa condição humana. Podemos mudar de lugar, nos desalojarmos, mas ainda é a procura de um lugar; nos é necessária uma base para assentar o Ser e realizar nossas possibilidades, um aqui de onde se descobre o mundo, um lá para onde iremos (DARDEL, 2011, p. 40-41).

Como dimensão de nossa geograficidade, lugar implica tanto nossa existência situada em sua espacialidade, quanto em sua temporalidade. Como defende Dardel (2011, p. 33), “toda espacialização geográfica, porque é concreta e atualiza o próprio homem em sua existência e porque nela o homem se supera e se evade, comporta também uma temporalização, uma história, um acontecimento”. Em nossas experiências de lugar situamos nossa existência em projetos futuros, mas também invocamos recordações e lembranças, ligando-nos ao nosso passado como fonte de autoconhecimento e identificação. Lugar, portanto, incorpora o espaço como vivido, e tempo como apreendido pela memória, de modo que a relação entre estas dimensões se torna fundamental para compreensão de nossa existência em sua imbricação com o mundo.

De acordo com Lowenthal (1985b), a noção de memória remete à faculdade de conservar e lembrar acontecimentos e experiências adquiridas em tempos pretéritos. Por meio da memória, recordamos experiências passadas, nos ligando a uma noção “si-mesmo” anterior, de modo que recordar o passado se torna crucial para construção de um sentido de continuidade (LOWENTHAL, 1985b). Todavia, embora possa ser considerada como uma faculdade mental associada à capacidade de reter informações passadas, a memória também se trata de um fenômeno por meio do qual o ser humano vivencia e re-apresenta experiências sobre aquilo que compreende como sendo o seu passado (LE GOFF, 2003).

Em linhas gerais, portanto, podemos considerar que a memória implica uma presença do passado (ROUSSO, 2006), de modo que se torne possível afirmar que “toda consciência do

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

BRUM, Jean Lucas da Silva. Explorando memórias de lugar e lugares de memória através de histórias de vida de idosos residentes na Serra de Piabas, situada no Parque Estadual da Pedra Branca, Cidade do Rio de Janeiro -RJ. *Revista Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 75-97, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 13/10/2021. Aceito em: 02/03/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia Essays of Geography | POSGEO-UFF

passado está fundada na memória” (LOWENTHAL, 1998, p. 75). As lembranças que compõem a memória são fontes importantes para se conhecer e investigar o passado, atuando, também, na forma como estruturamos um sentido presente de mundo.

De maneira contrária ao que o senso comum por vezes faz crer, a memória não é uma imagem exata do passado. Por meio da memória não emulamos o passado como aquilo que ele foi, mas sim, sua reconstrução a luz de experiências, vivências e interpretações presentes, bem como, neste movimento, recordamos a nós mesmos nos atualizando através da vivência do passado (BOSI, 1979; SOKOLOWSKI, 2012).

Tais argumentos não implicam, todavia, em defender que a memória se resume única e exclusivamente a um fenômeno temporal ou como simples faculdade abstrata situada na mente do sujeito recordante. Assim, como um sentido de existência é indissociável de nossa compreensão do passado e, de forma mais ampla, da temporalidade de nosso ser, este também se encontra intrinsecamente conectado à compreensão de nossa espacialidade (LOWENTHAL, 1985b).

Segundo Malpas (2018), as memórias, em especial aquelas que possuem um forte componente pessoal e autobiográfico, se encontram atreladas a lugares específicos. Nas palavras do autor, “o fato de muitas vezes nos lembrarmos de pessoas em relação a lugares e seus arredores específicos, em poses ou estados de espírito característicos que implicam uma determinada situação, exemplifica este fenômeno mais geral” (MALPAS, 2018, p. 180). Isto posto, as memórias, sejam elas individuais ou coletivas, são frequentemente associadas a lugares (MALPAS, 2018), de maneira que a sua manutenção e evocação dependem, muitas vezes, de referenciais espaciais onde se realizaram acontecimentos históricos ou mesmo eventos cotidianos, nas palavras de Pierre Nora (1993), lugares de memória que clamam nossa atenção.

Como destaca Lowenthal (1975), a existência de lugares de densidade mnemônica é um elemento importante para a manutenção de um sentimento de segurança e continuidade. Dependemos das memórias para a construção de um sentido de existência, assim como dependemos da presença de lugares envoltos de memória, em outros termos, dependemos de

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

BRUM, Jean Lucas da Silva. Explorando memórias de lugar e lugares de memória através de histórias de vida de idosos residentes na Serra de Piabas, situada no Parque Estadual da Pedra Branca, Cidade do Rio de Janeiro -RJ. *Revista Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 75-97, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 13/10/2021. Aceito em: 02/03/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia **Essays of Geography | POSGEO-UFF**

lugares de memória, como pontos de referência para edificação e comunicação de memórias coletivas e/ou individuais, tanto quanto os lugares também são edificados por meio de memórias que os envolvem em significados.

O caráter geográfico das histórias de vida

Dentre as variadas maneiras pelas quais é possível investigar aspectos a respeito das memórias de uma pessoa ou grupo social, a história de vida se destaca como um método e/ou abordagem privilegiada nos estudos que elencam esta expressão do passado como objeto de interesse.

De acordo com Blunt (2003, p. 71), “o termo ‘história de vida’ é deliberadamente amplo e abrange o estudo das pessoas em suas próprias palavras”, utilizando-se, para isto, de recursos textuais como diários, cartas, relatos de viagem, ou mesmo através do contato pessoal, por meio de entrevistas individuais ou em grupo, pesquisas etnográficas, conversas informais, entre outros. Neste contexto, a história de vida pode ser considerada como um método de pesquisa centrado no registro da biografia de um indivíduo/grupo a partir da forma como este a procura narrar (JACKSON; RUSSELL, 2010).

Contudo, mais que uma ferramenta para o registro de acontecimentos, a história de vida tem sido utilizada como estratégia para compreender e interpretar experiências e memórias como narradas pelas pessoas, sejam estas figuras públicas ou sujeitos cujas vidas poderiam permanecer marginalizadas ou até mesmo invisíveis (BLUNT, 2003). Portanto, tal método permite um levantamento de registros íntimos, que não constam em uma história ou narrativa oficial, o que possibilita um mergulho naquilo que Blunt (2003) denominou “histórias escondidas” (*hidden histories*), qual seja, registros apagados ou suprimidos, de forma intencional ou não, servindo como ferramenta para conferir voz e vez a grupos subalternizados narrarem suas próprias histórias. Tratam-se de narrativas de fatos cotidianos, como das relações com a família e a vizinhança, das atividades laborais e de lazer, dos objetos e pessoas que constituem um acervo de lembranças individuais em grande parte, embora articuladas com eventos e contextos sociais e históricos mais amplos.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

BRUM, Jean Lucas da Silva. Explorando memórias de lugar e lugares de memória através de histórias de vida de idosos residentes na Serra de Piabas, situada no Parque Estadual da Pedra Branca, Cidade do Rio de Janeiro -RJ. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 75-97, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 13/10/2021. Aceito em: 02/03/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia Essays of Geography | POSGEO-UFF

No entanto, mais do que permitir um mergulho em uma “história escondida”, como argumenta Blunt (2003), atendendo aos projetos típicos do campo de estudos da história oral, a utilização das entrevistas em história de vida possibilita o acesso e aprofundamento a vivências e experiências passadas, reconstruídas e reelaboradas através das narrativas de lembranças de fatos que competiam ao cotidiano dos sujeitos recordantes. Tratam-se, mais do que narrativas situadas em um tempo histórico, no resgate da memória introjetada nos lugares vividos, revelando a geograficidade destes sujeitos e a construção de suas identidades edificadas e comunicadas nesta relação indissociável com os lugares.

Desta forma, por focar as experiências e memórias das pessoas da forma como estas procuram comunicar através da reconstrução de suas trajetórias de vida, a história de vida apresenta um enorme potencial de exploração a partir de pesquisas em Geografia Cultural-Humanista, uma vez que esta se preocupa com os aspectos subjetivos, os significados, os afetos que emergem da espacialidade humana (MELLO, 1990; HOLZER, 2012). Como defende Lowenthal (1985a), as abordagens culturais e humanistas redirecionam o olhar da geografia para os saberes dos próprios sujeitos observados, entendendo-os como geógrafos informais e, portanto, os mais adequados para enunciarem seus sentimentos, valores, significados e entendimento a respeito do(s) lugar(es).

Embora este método possibilite a exploração de uma miríade de temas, a partir de diversas abordagens, neste trabalho, empenhamo-nos em utilizar a história de vida para compreender as articulações entre lugar e memória na experiência de residentes na comunidade da Serra de Piabas, uma localidade situada dentro dos limites do Parque Estadual da Pedra Branca, na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, em especial os sujeitos idosos.

Como moradores mais antigos da localidade, os idosos são verdadeiros registros vivos da história e ocupação do lugar, tendo presenciado e vivido suas transformações ao longo do tempo. Tal qual narradores, estes, por meio da transmissão de suas lembranças acerca do lugar, contribuem para a manifestação e reprodução de uma memória viva, em movimento.

Do ponto de vista societário, os idosos cumprem um papel fundamental, o de recordar. Para a socióloga Ecléa Bosi (1979), ao lembrar o passado, o idoso “não está descansando, por

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

BRUM, Jean Lucas da Silva. Explorando memórias de lugar e lugares de memória através de histórias de vida de idosos residentes na Serra de Piabas, situada no Parque Estadual da Pedra Branca, Cidade do Rio de Janeiro -RJ. *Revista Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 75-97, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 13/10/2021. Aceito em: 02/03/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia **Essays of Geography | POSGEO-UFF**

um instante, das lides cotidianas, não está se entregando fugitivamente às delícias do sonho: ele está se ocupando consciente e atentamente do próprio passado, da substância mesma da sua vida” (BOSI, 1979, p. 60). A exploração da narrativa da trajetória de vida destes idosos nos permite, portanto, não apenas tentar retrair uma história local como apreendida por estes sujeitos, mas entender as próprias articulações entre memória e lugar como modo próprio de sua geograficidade.

Memórias de lugar e lugares de memória do PEPB

Situado na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, o Parque Estadual da Pedra Branca compreende todas as áreas acima da cota altimétrica de 100 metros de altitude do Maciço da Pedra Branca e seus contrafortes, estendendo-se sobre 17 bairros cariocas - Jacarepaguá, Taquara, Camorim, Vargem Pequena, Vargem Grande, Recreio dos Bandeirantes, Grumari, Jardim Sulacap, Realengo, Padre Miguel, Bangu, Senador Camará, Santíssimo, Campo Grande, Senador Vasconcelos, Guaratiba e Barra de Guaratiba.

A localidade na qual este estudo se desenvolve compreende uma pequena comunidade, denominada por seus moradores como “Serra de Piabas” ou “Morro de Piabas”, encravada na vertente sul do PEPB, entre os bairros do Recreio dos Bandeirantes e do Grumari. De acordo com a população local, o topônimo é atribuído em referência ao rio Piabas, que drena as vertentes do maciço da Pedra Branca na localidade, sendo principal responsável pelo abastecimento de água dos residentes, caracterizado, em tempos pretéritos, pela abundância do peixe Piaba (*leporinus obtusidens*).

A Serra de Piabas abriga 18 famílias, a maioria já estabelecida na localidade antes de sua inclusão dentro dos limites do PEPB, nos anos 1970, ou compostas por descendentes de residentes anteriores ao parque. A localidade pode ser acessada através da Estrada do Grumari, logradouro que liga os bairros do Recreio dos Bandeirantes, iniciando-se na altura da Estrada do Pontal, ao bairro de Guaratiba.

A partir de uma perspectiva centrada em sua composição paisagística, a Serra de Piabas compreende um fragmento remanescente do bioma Mata Atlântica, apresentando áreas

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

BRUM, Jean Lucas da Silva. Explorando memórias de lugar e lugares de memória através de histórias de vida de idosos residentes na Serra de Piabas, situada no Parque Estadual da Pedra Branca, Cidade do Rio de Janeiro -RJ. **Revista Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 75-97, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 13/10/2021. Aceito em: 02/03/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia Essays of Geography | POSGEO-UFF

em bom estado de conservação entremeadas por áreas recobertas por cultivos agrícolas, em especial, a banana, principal marca da ruralidade que caracteriza o habitar da população local. A localidade conta ainda com alguns córregos e mirantes naturais, tornando-a destino de práticas de lazer, como caminhadas e desfrute da paisagem por parte da população dos bairros adjacentes, bem como lócus de disputas a respeito de sua apropriação e das representações construídas e veiculadas por diversos atores sociais.

A comunidade apresenta fortes traços rurais, tanto da presença de atividades de caráter agrícola para a subsistência e reprodução socioeconômica dos moradores, em especial a lavoura de banana, quanto das relações sociais que se estabelecem na escala local. Seu processo de ocupação remonta ao período em que a localidade integrava a zona rural da municipalidade do Rio de Janeiro, marcada, conseqüentemente, pela presença de uma população de perfil rural “com forte relação de dependência dos recursos naturais locais na garantia de seu sustento e reprodução social” (FERNANDEZ, 2016, p. 132).

Uma parcela significativa das memórias reconstruídas através das narrativas em histórias de vida dos idosos residentes no que hoje compreende o PEPB são direcionadas justamente ao reconhecimento das práticas rurais como elemento de um caráter distintivo do lugar frente aos bairros adjacentes, o que reflete, fortemente, esta condição rural na edificação dos sentidos de lugar por estes sujeitos. Mais do que simplesmente fonte de subsistência, estas práticas, como o cultivo da banana e o trabalho no roçado de milho, aipim e café, a criação de animais, como galinhas, cabras e porcos, bem como o leque de atividades por estas envolvidas, quais sejam, a produção de farinha artesanal e os processos de separação, secagem, torrefação e pilagem do café, compõem o acervo de recordações dos idosos residentes na Serra das Piabas, tornando-se, desde modo, elemento na construção da experiência de lugar. Tal compreensão se exemplifica na fala de M. (mulher de 70 anos de idade), que, ao narrar as recordações de sua infância vivida na Serra de Piabas, assevera o trabalho na lavoura como parte de seu cotidiano.

A gente trabalhava muito né. Meu pai tinha ceva de porco. Usava também muita carne de porco. Criava muita galinha. Meu pai fazia farinha e distribuía para as pessoas. Fazia farinha. Ele era lavrador. Meu pai fazia muita farinha. Aí, juntava os vizinhos todos pra poder fazer a “meia” [divisão] né. Cada um, depois que acabasse, levava um pouco pra casa. E era só trabalho. Eu sei que nós trabalhamos muito. Todo mundo.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

BRUM, Jean Lucas da Silva. Explorando memórias de lugar e lugares de memória através de histórias de vida de idosos residentes na Serra de Piabas, situada no Parque Estadual da Pedra Branca, Cidade do Rio de Janeiro -RJ. *Revista Ensaios de Geografia*. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 75-97, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 13/10/2021. Aceito em: 02/03/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia **Essays of Geography | POSGEO-UFF**

Era fogão de lenha. Tinha que pegar lenha. Era burro pra cuidar. Pegar capim. Era muita coisa que a gente fazia. E eu acho que antigamente era muito mais proveitoso do que hoje em dia. [...] Aqui era roça pura. Meu pai tinha de tudo. Era café. Era cana. Tudo quanto é tipo de fruta que você puder imaginar. Mas não vendia nada. Só a banana. Só vendia a banana. Muita banana. Banana prata, banana d'água, banana maçã. Só vendia banana. Que o restante tudo era pra gente e pra dividir com os vizinhos que ajudavam (M.; ENTREVISTA CONCEDIDA EM 03/10/2021).

A partir do fragmento exposto, convém destacar que, por se referir à existência humana, o lugar não se constitui apenas do conjunto de objetos materiais localizados no espaço, mas, também, das práticas sociais ativas que mantém com o lugar uma relação de co-produção e dos significados que a ele são atribuídos (ENTRIKIN, 1976; RELPH, 1976; CRESSWELL, 2009). Nas palavras de Relph (1976, p. 141), os lugares englobam uma ordem natural e humana, são “centros significativos de nossas experiências imediatas de mundo”. Desta forma, os lugares não são meramente abstrações ou conceitos, mas “fenômenos experimentados diretamente do mundo vivido e, portanto, estão repletos de significados, de objetos reais e de atividades em andamento” (RELPH, 1976, p. 141).

Mais do que uma descrição pura e objetiva do lugar e de seu passado, as histórias de vida dos idosos nos permitem desvelar a dimensão sensível na apreensão do parque enquanto lar e morada, despertando sensações e sentimentos que estão na base da experiência de lugar como manifestada pela memória. Como argumenta Dardel, “a cor, o modelado, os odores do solo, o arranjo vegetal se misturam às lembranças, com todos os estados afetivos, com as ideias, mesmo com aquelas que acreditamos serem as mais independentes” (DARDEL, 2011, p. 34). As lembranças narradas nos revelam texturas, sons, odores e sabores como elementos introjetados nas experiências de lugar dos sujeitos recordantes, de modo que as memórias do lugar são para estes “o canto dos passarinhos, barulho de grilo a noite, bicho no mato, tudo isso a gente ouve aqui no lugar”, como nas palavras de S. (homem de 93 anos de idade), “aquele cheirinho de lenha queimando, no fogão de lenha.”, como narra J. (homem de 60 anos de idade), ou “o leite de cabra, café e a farinha. Esse era meu café da manhã. Farinha feita aqui. Como era gostosa aquela farinha”, como descrito por M.

De acordo com o filósofo Paul Ricouer (2007, p. 53), “não nos lembramos somente de nós, vendo, experimentando, aprendendo, mas das situações do mundo, nas quais vimos,

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

BRUM, Jean Lucas da Silva. Explorando memórias de lugar e lugares de memória através de histórias de vida de idosos residentes na Serra de Piabas, situada no Parque Estadual da Pedra Branca, Cidade do Rio de Janeiro -RJ. *Revista Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 75-97, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 13/10/2021. Aceito em: 02/03/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia Essays of Geography | POSGEO-UFF

experimentamos, aprendemos”. Estas situações, discorre o autor, “implicam o próprio corpo e o corpo dos outros, o espaço onde se viveu, enfim, o horizonte do mundo e dos mundos, sob o qual alguma coisa aconteceu” (RICOUER, 2007, p. 53). Isto é, a memória envolve o lugar não apenas em um sentido estreito de localização, de maneira que as memórias ocorram ou remetam a um local específico, mas em uma dimensão mais profunda e sensível, do lugar como base na qual se assenta nossa existência. Nas palavras do autor:

Lembro-me de ter gozado e sofrido em minha carne, neste ou naquele período de minha vida passada; lembro-me de ter, por muito tempo, morado naquela casa daquela cidade, de ter viajado para aquela parte do mundo, e é aqui que eu evoco todos esses lãs onde eu estava. Lembro-me da extensão daquela paisagem marinha que me dava o sentimento de imensidão do mundo. E, quando da visita àquele sítio arqueológico, eu evocava o mundo cultural desaparecido ao qual aquelas ruínas remetiam tristemente. (RICOUER, 2007, p. 57).

Nesta seara, a casa de infância destaca-se como palco privilegiado das histórias de vida narradas pelos idosos, tornando-se, em vista disto, um lugar de memória (NORA, 1993), veículo responsável pelo adensamento das memórias que transformam o lugar mais do que o ponto de morada, mas sim, lócus onde se desenrola a experiência e vivência de mundo, lar onde se funda a compreensão de ser. De acordo com Mello (2012), a casa da infância se destaca como o cenário dos dramas da vida, “revestida de sua originalidade, solidez e encantamento por um desfile de festas de aniversário, casamentos, celebrações natalinas, bem como toques, cheiros, pinturas, ora vibrantes, ora esmaecidos e mapas íntimos” (MELLO, 2012, p. 59), se inscreve em nós como reservatório de recordações. Neste sentido, a casa de infância é o lugar onde se desenrola uma parcela significativa das relações e acontecimentos que figuram na narrativa dos sujeitos recordantes, como expressam os relatos de S. e B. (mulher de 81 anos de idade):

Eu vivia na casa do meu avô. Tião, meu filho, estava roçando o bananal e eu acho que ele já passou da cava [alicerce] da casa. Deve estar limpo lá. Tem uma jaqueira e logo acima tem a entrada da casa. Não sei como está aquilo hoje, já tem tempo que eu não vou lá. Mas era tudo calçadinho de pedra, até em cima no lugar onde ficava a casa. Havia um baldrame, assim, um muro dessa altura mais próximo do caminho. E a casa era pra cima daquele muro. Uma casa grande. Tinha três quartos e uma sala de dançar, onde faziam os bailes. Uma sala grande de dançar. A cozinha era separada da casa. Era cozinha de lenha, onde fazia as comidas. E do outro lado ficava o trem de farinha. A casa tinha uma roda de ralar a mandioca e, onde tem um monte de pedra, era o forno de mexer farinha. A casa era de estuque. Acabei desmanchando a casa e plantei banana por cima. Mas era uma casa muito bonita. Lembro direitinho dela (S.; ENTREVISTA CONCEDIDA EM 30/04/2018).

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

BRUM, Jean Lucas da Silva. Explorando memórias de lugar e lugares de memória através de histórias de vida de idosos residentes na Serra de Piabas, situada no Parque Estadual da Pedra Branca, Cidade do Rio de Janeiro -RJ. *Revista Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 75-97, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 13/10/2021. Aceito em: 02/03/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia Essays of Geography | POSGEO-UFF

Eu me lembro quando morava lá pra cima, na casa lá de cima. Perto de A. e de E. Era tão bom. Era tão divertido. A gente brincava até a noite. As vezes anoitecia e a gente estava brincando. Pulava corda, brincava de balanço, brincava de roda. Mas era muito bom. Era divertido. Eu gostava à beça. Às vezes, eu fico assim pensando que tudo se acaba. Tudo se acaba. Depois que a gente cresce, se casa, um vai para um lado, o outro vai pra outro. Aí, vai se acabando. Acabando. Entristece à beça. [...] Muita gente saiu. Sabe, eu fico tão triste. Lá onde minha mãe morou eu já não vou mais. Agora eu só vejo mato onde era a casa. Não vejo mais nada. Aquele fogãozinho de lenha. Chegava lá e ela fazia o cafezinho pra gente. Era tão bom. Eu chegava lá e ela fazia o cafezinho. Botava no fogo. Cafezinho de lenha. Cafezinho tão gostoso. A gente se lembra de tudo. Era tudo limpo. O meu pai cavava aquele caminho lá de baixo. De cá de baixo até lá em cima no alto. Ele cavava e tirava a terra todinha. Não ficava um só mato. Só trabalhava no sítio dele. Então aquilo era limpinho até lá em cima. Dava gosto de andar (B.; ENTREVISTA CONCEDIDA EM 22/04/2018).

Em ambos os relatos é possível entrever o peso da casa de infância na reconstrução das memórias como um núcleo de significado e valor, animado pelas recordações das pessoas que ali viveram ou visitaram, das celebrações e bailes que por lá ocorreram, das brincadeiras que se desenrolavam, dos cheiros e sabores dos cafés preparados e compartilhados, de sua estrutura que, embora transformada no decorrer do tempo, resiste na memória. De acordo com Tuan (2013), tais acontecimentos, embora denotem a simplicidade da vida cotidiana, com o tempo podem se transformar em um profundo sentimento de afeição e pertencimento pelo lugar. Recorrendo a Tuan (2013), podemos compreender, no caso dos relatos destacados, a casa de infância como um lugar íntimo, qual seja, o lugar no qual se desenrolam experiências privadas e trocas que se manifestam na intimidade entre as pessoas. Para o autor, tais lugares “podem ficar gravados no mais profundo da memória e, cada vez que são lembrados, produzem intensa satisfação” (TUAN, 2013, p. 173).

Neste sentido, a apreensão do desaparecimento concreto da casa de infância frente ao avanço da cobertura vegetal, nas palavras de B., a invasão da casa pelo “mato”, reveste o lugar por um sentimento de tristeza decorrente de sua perda, expressa no relato destacado por frases como “tudo se acaba”, “Aí, vai se acabando” e “Entristece à beça”. Esta compreensão, longe de ser um dado isolado, carrega consigo uma perspectiva nostálgica como elemento comum nas recordações narradas pelos idosos da Serra de Piabas.

De acordo com Lowenthal (1975), a nostalgia, mais do que um sentimento de apego a um passado seletivo, edificado por meio de recordações positivas frente às transformações

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

BRUM, Jean Lucas da Silva. Explorando memórias de lugar e lugares de memória através de histórias de vida de idosos residentes na Serra de Piabas, situada no Parque Estadual da Pedra Branca, Cidade do Rio de Janeiro -RJ. *Revista Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 75-97, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 13/10/2021. Aceito em: 02/03/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia Essays of Geography | POSGEO-UFF

impostas pelo tempo presente, se refere a uma das facetas pelas quais o ser humano se relaciona com o seu passado, tornando-se elemento importante na edificação das experiências de lugar. Desta forma, o caráter nostálgico a partir do qual se estruturam as memórias de lugar dos idosos da Serra das Piabas não remete de forma simples a uma comparação ingênua entre um passado iluminado por recordações que denotam um sentimento topofílico, para se utilizar do termo cunhado por Tuan (2012), e um presente obscurecido pelas transformações concretas e simbólicas do lugar, mas também como uma resposta as reconfigurações impostas quanto da transformação de seu lar e morada em uma área de proteção ambiental, representada pela figura institucional do parque. Neste sentido, a memória se torna uma ferramenta nos processos de contestação política à figura institucional do parque, bem como elemento de resistência cotidiana dos residentes.

Desta forma, a transição de parte da antiga zona rural para Unidade de Conservação de Proteção Integral implicou na criação e imposição de uma série de normas e regras como base nos processos de apropriação do lugar, tornando, inclusive, a presença de residentes como uma condição de divergência com o que determina o ordenamento no qual a categoria parque se insere.

Neste sentido, a constituição do PEPB impôs formas de uso divergentes daquelas localmente realizadas, se sobrepondo a dinâmicas sociais pré-existentes. Ainda que a criação do PEPB tenha se destacado como uma importante estratégia ambiental diante do avanço da urbanização via especulação imobiliária, atuando como um instrumento na proteção dos recursos naturais ali presentes (FERNANDEZ, 2009), sua implementação representou para a população residente a incidência de um conjunto de regras e normas de caráter restritivo às suas formas históricas de reprodução socioeconômica e cultural, modificando significativamente sua relação com o/no lugar, além de se apresentar enquanto um elemento de ameaça à sua permanência dentro dos limites oficiais do parque.

No ato de sua criação, através da promulgação da Lei Estadual nº 2.377, de 28 de junho de 1974, já se previa a desapropriação de toda a área abrangida pelo PEPB, reforçando sua consideração enquanto um espaço de posse e uso públicos, de forma que as ocupações

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

BRUM, Jean Lucas da Silva. Explorando memórias de lugar e lugares de memória através de histórias de vida de idosos residentes na Serra de Piabas, situada no Parque Estadual da Pedra Branca, Cidade do Rio de Janeiro -RJ. *Revista Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 75-97, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 13/10/2021. Aceito em: 02/03/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia Essays of Geography | POSGEO-UFF

anteriores ao seu estabelecimento deveriam ser cadastradas a fim de promover a regularização de sua situação fundiária mediante sua remoção ou realocação fora dos limites do parque.

Afora a tensão sobre o direito de permanência, a instituição de um conjunto de normas no processo de edificação do PEPB, quando não inviabilizaram as formas de reprodução econômica e social da população residente, fizeram com que esta tivesse que se adaptar aos novos usos. Uma vez incluído no grupo de Unidades de Conservação de Proteção Integral, como definido pelo Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), é permitido apenas o uso indireto de atributos naturais, sendo vetado o consumo, coleta, dano ou destruição dos recursos ambientais (BRASIL, 2000) inseridos dentro dos limites do PEPB, o que, a título de exemplo, impossibilitaria a captação de água para consumo e uso doméstico, ou mesmo o uso de recursos minerais ou florestais para a realização de reparos nas trilhas ou residências já existentes.

Dentre as normas gerais de uso do PEPB, presentes em seu plano de manejo, destacam-se a proibição da realização de quaisquer atividades ou ações que venham a impactar o meio ambiente no interior desta Unidade de Conservação; da retirada total ou parcial de qualquer planta, exemplar de fauna ou amostra mineral sem a autorização expressa dos órgãos gestores; da introdução ou da reintrodução de espécies de flora e/ou fauna silvestre quando não autorizadas pelo setor responsável do Instituto Estadual do Ambiente (INEA)²; da construção de quaisquer obras de engenharia que não sejam de interesse direto dos órgãos gestores; da entrada, uso e criação de animais domésticos ou de plantios agrícolas nas unidades, salvo nas propriedades rurais não desapropriadas, quando permitido pelo setor responsável do INEA; da introdução de espécies de fauna ou flora exóticas no interior da Unidade de Conservação.

Em meio à narrativa de suas memórias, J. destaca que a criação do PEPB se apresenta como um dos motivos pelos quais uma parcela significativa dos antigos moradores da Serra das Piabas resolveu abandonar a localidade. Tendo atuado na lavoura durante sua juventude e início da vida adulta, J. assevera que, embora a criação do parque tenha acarretado benefícios

² Órgão responsável pela administração e gestão do Parque Estadual da Pedra Branca.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

BRUM, Jean Lucas da Silva. Explorando memórias de lugar e lugares de memória através de histórias de vida de idosos residentes na Serra de Piabas, situada no Parque Estadual da Pedra Branca, Cidade do Rio de Janeiro -RJ. *Revista Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 75-97, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 13/10/2021. Aceito em: 02/03/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia Essays of Geography | POSGEO-UFF

ambientais, esta, também provocou uma série de transformações das práticas locais, levando a uma reconfiguração da própria compreensão e experiência deste frente ao lugar.

Hoje você não tem mais a oportunidade de trabalhar como se trabalhava. Antigamente, falecido papai abriu, dentro dessa mata aí, uma roça. Dentro dessa mata. [...] A evolução traz benefícios, mas tira também muita coisa do pessoal que é da roça. Pra quem é da roça, a evolução tira muita coisa. Você vê? Naquele tempo você podia chegar e fazer uma derrubada e fazer uma lavoura, pra plantar um aipim, um milho, um feijão. Até mesmo pra você sobreviver ou vender mesmo, que o pessoal aqui vendia. Hoje você não pode fazer. Não pode. Como vai fazer? Tem que deixar virar mata. Floresta. Tá virando floresta. E vem cada vez tomando conta de tudo. As coisas vão brotando e você não pode derrubar. Mas, também é benefício, não é? Porque a gente tem um ar puro, um oxigênio bom. Aqui em cima geralmente não tem poluição. (J.; ENTREVISTA CONCEDIDA EM 05/01/2019).

Isto posto, afora o caráter afetivo, as memórias de lugar como evocadas pelos idosos residentes no PEPB são envoltas por um sentido político, expresso tanto na incerteza em relação à permanência destes sujeitos no contexto de uma Unidade de Conservação de Proteção Integral quanto aos limites impostos sobre as suas práticas e atividades de reprodução socioeconômica e cultural. De acordo com Blunt (2003), por meio das histórias de vida as pessoas expressam seus sentimentos e transmitem as condições de sua vida material, mas também as relações e mecanismos de poder que permeiam os processos de construção e apreensão de seu lugar. As memórias que emergem de tais narrativas, entendidas por Pollak (1989) como “memórias subterrâneas”, qual seja, memórias de contestação diante do apagamento da história de grupos subalternizados, atuam como elemento na construção de um sentido político de lugar por meio da história de vida dos idosos do PEPB.

Nesta seara, tais memórias tornam-se ferramenta de contestação por parte dos residentes, sendo mobilizadas em meio ao que o Scott (2013) denominou enquanto “discursos ocultos de resistência”. De acordo com Scott (2013), o processo de resistência de grupos subordinados ocorre não apenas através do enfrentamento direto ou da contestação na arena pública, mas, por vezes, se manifesta em “microepisódios” da vida cotidiana, numa esfera privada, constituindo discursos ocultos. Para o autor, tais discursos se revelam através de tradições e expressões culturais que desafiam simbolicamente as estruturas de poder dominante sem fazê-lo de forma pública e aberta. Deste modo, cada grupo subordinado elabora, a partir de

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

BRUM, Jean Lucas da Silva. Explorando memórias de lugar e lugares de memória através de histórias de vida de idosos residentes na Serra de Piabas, situada no Parque Estadual da Pedra Branca, Cidade do Rio de Janeiro -RJ. *Revista Ensaios de Geografia*. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 75-97, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 13/10/2021. Aceito em: 02/03/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia **Essays of Geography | POSGEO-UFF**

sua experiência, um discurso oculto que se apresenta enquanto uma crítica ao discurso dos grupos dominantes.

No contexto dos residentes do Parque Estadual da Pedra Branca, em especial os idosos, a defesa de sua permanência nos limites de uma Unidade de Conservação de Proteção Integral é permeada por discursos ocultos de resistência, recorrendo à memória como ferramenta de legitimação de sua presença e como forma de contestação simbólica aos limites impostos pela criação do parque, como revela a fala de C. (homem de 62 anos).

Meu pai já me falava de quando o pai dele morava aqui, e o avô dele também. Eu me lembro de todas as histórias. De como veio morar aqui, do que plantava, de quem morava aqui no lugar. A gente já estava aqui antes do parque. Hoje em dia já não pode fazer muita coisa. Ninguém mais quer continuar plantando, porque, com o parque fica mais difícil. Daí a gente que continua aqui, que depende disso, tem que fazer quase que escondido (C.; ENTREVISTA CONCEDIDA EM 10/05/2019).

Desta forma, ao lado do discurso oficial que eleva a localidade à categoria de Unidade de Conservação de Proteção Integral, emergem discursos ocultos de resistência, enfatizando a memória como elemento de identificação e coesão com o lugar, entendido, de tal forma, tanto em uma dimensão afetiva, como centro de significados dotado de valor, quanto de uma dimensão política, como condição de reprodução social do grupo em questão.

As histórias de vidas de idosos, portanto, dão conta não apenas de uma descrição objetiva do que entendem como seu passado, mas revelam traços de sua própria geografia (DARDEL, 2011), expressa, sobretudo, pelo desenvolvimento de um profundo elo de pertencimento ao lugar, desenvolvendo-se no contexto de mediações que são ao mesmo tempo afetivas, denotando laços topofílicos, mas também políticas, uma vez que coloca constantemente o direito de permanecer em meio a uma Unidade de Conservação de Proteção Integral.

Considerações finais

Procuramos demonstrar ao longo deste breve ensaio diferentes modos a partir dos quais memória e lugar podem se articular em meio a experiência de mundo, tomando como referência de análise e interpretação histórias de vida de idosos residentes no contexto de uma

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

BRUM, Jean Lucas da Silva. Explorando memórias de lugar e lugares de memória através de histórias de vida de idosos residentes na Serra de Piabas, situada no Parque Estadual da Pedra Branca, Cidade do Rio de Janeiro -RJ. *Revista Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 75-97, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 13/10/2021. Aceito em: 02/03/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia Essays of Geography | POSGEO-UFF

Unidade de Conservação do Proteção Integral, o Parque Estadual da Pedra Branca. Mais do que simplesmente um espaço territorial e os recursos ambientais nele contidos, como o termo Unidade de Conservação é definido pelo SNUC (BRASIL, 2000), o PEPB se revela como local de vida e morada de diversas famílias nele estabelecidas e, no contexto dos idosos situados na Serra de Piabas, como um lugar, um centro de significados edificado pela experiência, como defendem os autores da Geografia Cultural-Humanista (RELPH, 1976; TUAN, 2011; 2013).

Segundo Ricouer (2007, p. 59), “os lugares habitados são, por excelência memoráveis. Por estar a lembrança ligada a eles, a memória declarativa se compraz em evocá-los e descrevê-los”. Isto posto, a memória se torna um elemento central de referência na edificação de sentidos de lugar por parte dos idosos residentes no PEPB, de modo que sua evocação coloca em jogo o complexo processo de apropriação simbólico-afetiva e política que é tecido na escala do lugar.

Nossas experiências do passado, reconstruídas através da memória, podem, portanto, fornecer a base para o desenvolvimento de uma profunda relação com o lugar (TUAN, 2013). Como argumenta Marandola Jr. (2012, p. 228), “é pelo lugar que nos identificamos, ou nos lembramos, constituindo assim a base de nossa experiência no mundo”. A construção de um íntimo elo afetivo com o lugar é adensada por lembranças de pessoas ou eventos, servindo como base para a construção da própria geograficidade. Portanto, a memória é a experiência vivida que confere significado ao lugar (MARANDOLA JR, 2012).

Neste sentido, a memória torna-se, ao mesmo tempo, veículo na fruição e comunicação do envolvimento dos sujeitos recordantes com o seu lugar, estando na base da edificação das experiências de lugar e dos significados a este atribuídos, como também o lugar se revela como palco privilegiado na evocação destas memórias, servindo como suporte para sua reprodução.

Assim, é por meio do lugar que os idosos residentes no PEPB lembram de eventos significativos de sua existência, construindo a base da experiência de mundo (MARANDOLA JR, 2012) e sua própria geograficidade. Deste modo, as experiências passadas, reconstruídas por meio da evocação da memória, tornam o PEPB um rico centro de significados para estes sujeitos, denotando sentimentos de pertencimento, afeição e apego, mas, também, sendo motivo gerador de incertezas quanto à sua permanência.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

BRUM, Jean Lucas da Silva. Explorando memórias de lugar e lugares de memória através de histórias de vida de idosos residentes na Serra de Piabas, situada no Parque Estadual da Pedra Branca, Cidade do Rio de Janeiro -RJ. *Revista Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 75-97, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 13/10/2021. Aceito em: 02/03/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

Referências Bibliográficas

BLUNT, A. Home and Identity: life stories in text and person. In: BLUNT, A.; GRUFFUDD, P.; MAY, J.; OGBORN, M.; PINDER, D. (eds) **Cultural Geography in Practice**. London: HodderEducation, 2003, p. 71-90.

BOSI, E. **Memória e Sociedade**: lembranças dos velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1979.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **SNUC – Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza**: Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000.

CASEY, E. Between Geography and Philosophy: the place-world? **Annals of the Association of American Geographers**. v. 91, n. 4, p. 83-93, 2001.

CORRÊA, R. L. **Caminhos paralelos e entrecruzados**. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

CRESSWELL, T. **Place**: a Short Introduction. Oxford: Blackwell Publishing, 2004.

_____. Place. In: KITCHIN, R.; THRIFT, N. (eds) **International Encyclopedia of Human Geography**. Oxford: Elsevier, 2009, p. 169-177.

DARDEL, E. **O Homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011.

ENTRIKIN, N. Contemporary Humanism in Geography. **Annals of the Association of American Geographers**. v. 66, n. 4, p. 615-632, 1976.

FERNANDEZ, A. C. F. **Do Sertão Carioca ao Parque Estadual da Pedra Branca**: a construção social de uma unidade de conservação à luz das políticas ambientais fluminenses e da evolução urbana do Rio de Janeiro. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2009.

_____. O sertão que virou parque: natureza, cultura e processos de patrimonialização. **Estudos Históricos Rio de Janeiro**, v. 29, n. 57, p. 129-148, 2016.

HOLZER, W. A geografia humanista: uma revisão. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). **Geografia cultural**: uma antologia (I). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012, p.165-178.

JACKSON, P.; RUSSELL, P. Life History Interviewing. In: DELYSER, D.; HERBERT, S.; AITKEN, S.; CRANG, M.; MCDOWELL, L. (eds.) **The Sage Handbook of Qualitative Geography**. London: SAGE, 2010, pp. 172-192.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

BRUM, Jean Lucas da Silva. Explorando memórias de lugar e lugares de memória através de histórias de vida de idosos residentes na Serra de Piabas, situada no Parque Estadual da Pedra Branca, Cidade do Rio de Janeiro -RJ. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 75-97, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 13/10/2021. Aceito em: 02/03/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

LE GOFF, J. **História e Memória**. Campinas: Unicamp, 2003.

LOWENTHAL, D. Past Time, Present Place: Landscape and Memory. **Geographical Review**, v.65 n. 1, p. 1-36, 1975.

_____. Geografia, Experiência e Imaginação: Em Direção a uma Epistemologia Geográfica. In: CHRISTOFOLETTI, A. (org.) **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: DIFEL, 1985a, p. 103-141.

_____. **The Past is a Foreign Country**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985b.

_____. Como conhecemos o passado. **Projeto História**, São Paulo, v. 17, p.63-201, 1998.

MALPAS, J. **Place and Experience: a philosophical topography**. 2ªed. London; New York: Routledge, 2018.

MARANDOLA JR, E. Lugar Enquanto Circunstancialidade. In: MARANDOLA JR, E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (orgs.). **Qual o espaço do lugar?** Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo, Perspectiva, 2012. p. 227-248.

MELLO, J. B.F.M. Geografia humanística: a perspectiva de experiência vivida e uma crítica radical ao positivismo. **Revista Brasileira de Geografia**, v. 52, n. 4, p. 91-115, 1990.

_____. O Triunfo do Lugar Sobre o Espaço. In: MARANDOLA JR, E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (orgs.). **Qual o espaço do lugar?** Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo, Perspectiva, 2012, pp. 33-68.

NORA, P. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, v. 10, p.7-28, 1993.

OLIVEIRA, L. O Sentido de Lugar. In: MARANDOLA JR, E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (orgs.). **Qual o espaço do lugar?** Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo, Perspectiva, 2012, pp. 3-16.

POLLAK, M. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

RELPH, E. **Place and Placelessness**. London: Pion, 1976.

_____. As Bases Fenomenológicas da Geografia. **Geografia**. v. 4, n. 7, p. 1-25, 1979.

RICOUER, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora Unicamp, 2007.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

BRUM, Jean Lucas da Silva. Explorando memórias de lugar e lugares de memória através de histórias de vida de idosos residentes na Serra de Piabas, situada no Parque Estadual da Pedra Branca, Cidade do Rio de Janeiro -RJ. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 75-97, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 13/10/2021. Aceito em: 02/03/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia **Essays of Geography | POSGEO-UFF**

ROUSSO, H. A memória não é mais o que era. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. (orgs) **Usos & abusos da história oral**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 93-101.

SCOTT, J. **A dominação e a arte da resistência**: discursos ocultos. Lisboa: Letra Livre, 2013.

SEEMANN, J. O espaço da Memória e a Memória do Espaço: algumas reflexões sobre a visão espacial nas pesquisas sociais e históricas. **Revista Casa da Geografia de Sobral**, v. 4/5, p. 43-53, 2003.

SOKOLOWSKI, R. **Introdução à Fenomenologia**. São Paulo: Loyola, 2012.

TUAN, Y. Espaço, Tempo, Lugar: um arcabouço humanista. **Geograficidade**, v. 01, n. 01, p. 4-15, 2011.

_____. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Eduel: Londrina, 2012.

_____. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. Eduel: Londrina, 2013.

_____. Lugar: uma perspectiva experiencial. **Geograficidade**, v. 8, n. 1, p. 4-15, 2018.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

BRUM, Jean Lucas da Silva. Explorando memórias de lugar e lugares de memória através de histórias de vida de idosos residentes na Serra de Piabas, situada no Parque Estadual da Pedra Branca, Cidade do Rio de Janeiro -RJ. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 75-97, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 13/10/2021. Aceito em: 02/03/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons